



Dorothea: reação bem-humorada

Economia - Brasil Multinacional aguarda novo choque

JORNAL DO BRASIL

*Pesquisa mostra 80%
dos executivos à
espera de pacote*

20 SET 1991

SÃO PAULO — A inflação vai continuar subindo e a economia brasileira não vai escapar de um novo choque. As previsões (nada otimistas) foram colhidas junto a 85 presidentes ou altos executivos de multinacionais exportadoras no mês de agosto. A pesquisa mensal da Câmara de Comércio Americana indicou que 94% dos entrevistados acreditam em uma inflação ascendente e 80% esperam um novo choque até o primeiro trimestre de 1992. Entre os entrevistados, 40% estimam que a alta do custo de vida de dezembro chegará a 20%, podendo passar este patamar.

A secretária nacional da Economia, Dorothea Werneck, fez apenas um comentário bem-humorado quando conheceu os resultados da enquete. “Pelo menos desta vez a previsão de choque não é para amanhã. Isso já é um avanço”, afirmou ela, sem querer aprofundar a análise da pesquisa. O trabalho indica um outro dado desalentador para a equipe econômica: o índice de otimismo dos entrevistados caiu de 51% em julho para 27% em agosto. O resultado é a primeira queda na confiança do empresário, ascendente desde dezembro do ano passado.

A aceleração da inflação leva, sempre, a especulações sobre novos choques na economia. Entre os 87% que acreditam na volta do velho filme de medidas fortes na economia, 24% esperam um choque ainda este ano; outros 56% avaliam que a inter-

venção na economia será postergada para o primeiro trimestre do ano que vem e 7% acham que isso fica para o segundo trimestre de 1992. Só 11% acreditam na promessa do governo de não mais recorrer a medidas drásticas para controlar a inflação.

A maioria dos entrevistados não concorda com o governo quando este afirma que já fez sua parte no combate à inflação. Do total, 20% discordam muito da equipe econômica quando ela quer tirar o corpo fora e outros 30% simplesmente rebatem desta afirmação. Elegante, o presidente da Câmara de Comércio Americana, Jean Rozwadowski, também presidente da American Express, acha que se a pesquisa fosse realizada agora as respostas não seriam tão pessimistas.